

INSTITUTO CAMÕES BUCARESTE

CRONICANDO EM BUCARESTE 3

SÓNIA DIAS MENDES (ORG.)

bucareste 2020

DADOS DE CATALOGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: MENDES, S.D. (ORG.) (2020). *CRONICANDO EM BUCARESTE 3*. BUCARESTE: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE.

TÍTULO: CRONICANDO EM BUCARESTE 3

ORGANIZAÇÃO: SÓNIA DIAS MENDES

EDIÇÃO: CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

DATA: NOVEMBRO 2020

LOCAL: BUCARESTE, ROMÉLIA

CENTRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/CAMÕES BUCARESTE

STRADA EDGAR QUINET NR. 5-7, COD 010017, SECTOR 1, BUCARESTE

DESIGN GRÁFICO: SÓNIA DIAS MENDES, 2020

FOTOGRAFIA: ZAKSHEUSKAYA | TEAL, WHITE, AND PINK PAINT | WWW.PEXELS.COM

EDIÇÃO FINANCIADA POR:

CAMÕES, INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA, I.P.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS PORTUGAL

WWW.INSTITUTO-CAMOES.PT



ÍNDICE

Prefácio: Uma breve apresentação CORINA NUȚU_____	3
078902630RH+ ADA CARAMIHAI_____	4
A morte de um sonho não é menos triste que a morte ALEJANDRA BOLDU_____	6
A cor da vida ANDRADA MARCU_____	8
Você ANDREEA ION_____	10
- Lisboa, se faz favor! ANDREEA ION_____	12
Você ANDREEA MARCU_____	14
A morte de um sonho não é menos triste que a morte ANDREEA VIȘOIU_____	15
Cor local ANNA BĂCEANU_____	16
As doenças ANNA BĂCEANU_____	17
078902630RH+ DAIANA ANTĂLUCĂ_____	18
O escolhido DAIANA ANTĂLUCĂ_____	20
A morte de um sonho não é menos triste que a morte DIANA GRESOIU_____	21
A morte de um sonho não é menos triste que a morte GABRIELA VLĂȘCEANU_____	23
Quando amas, estás predisposta ao ciúme GABRIELA VLĂȘCEANU_____	24
Cor local IOANA TOMA_____	26
Ansiedade IOANA TOMA_____	28
Cor local LORENA DORCU_____	29

Dalila MARTA IGNAT_____	30
Cor local MEDEEA DAMIAN_____	31
Amar MEDEEA DAMIAN_____	32
Cor local MIHAI BABA_____	33
A morte de um sonho não é menos triste que a morte OANA SÎRBU_____	35
O tempo não corre, ele espera-te OANA SÎRBU_____	36
A morte de um sonho não é menos triste que a morte SILVIA NICOLA_____	38
O tempo SILVIA NICOLA_____	39
Nota da Organizadora SÓNIA DIAS MENDES_____	40

PREFÁCIO

UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Nas literaturas lusófonas, a crónica é um género altamente versátil, situando-se no limite entre a prosa literária e o artigo jornalístico, e concentrando no seu breve espaço uma grande variedade de formas e assuntos possíveis, desde o comentário da atualidade contemporânea até à ficção narrativa. O curso opcional 'Crónica Literária: Compreensão e Redação' de Sónia Dias Mendes tem o mérito não só de apresentar este género literário tão multiforme aos alunos de português da Universidade de Bucareste, mas também de lhes proporcionar uma oportunidade de autoexpressão, através das suas próprias crónicas redigidas na língua estudada.

O presente volume inclui textos escritos no âmbito desse opcional por 17 alunos do terceiro ano do curso de licenciatura, no ano letivo 2019/2020. A partir de títulos emprestados de crónicas da autoria de António Lobo Antunes (*078902630RH+*, *A Morte de Um Sonho Não É Menos Triste Que a Morte*, *Cor Local*, *Você e Dalila*) ou escolhidos livremente, os jovens exploram os tópicos que são mais significativos para eles: examinam problemas prementes da sociedade global ou local, refletem sobre os vários dilemas ou obstáculos com os quais nos podemos deparar nos nossos caminhos, evocam experiências ou pessoas importantes nas suas vidas, ou põem à prova a sua criatividade imaginando histórias fictícias.

Sob a orientação e com o apoio da professora, os alunos criaram textos fortemente pessoais, alcançando, ao mesmo tempo, uma notável adaptação ao tom exigido pela crónica literária e às convenções estilísticas e temáticas do género. No seu conjunto, o volume mostra o grau em que eles conseguiram fazer sua a língua portuguesa, dando-lhes a experiência de se colocarem na postura de escritores lusófonos.

CORINA NUȚU

Professora Universitária e Tradutora

ADA CARAMIHAI

078902630RH+

Acontece-lhe às vezes querer ter alguns dias dedicados ao divertimento e ao relaxamento? Pois a mim também! E, então, o que é que pode fazer alguém dos seus 20 anos se não ir para um bar com os amigos e tentar namorar com as meninas? Foi o que fiz ontem. Foi divertido e bebi demasiado, claro. Mas hoje de manhã encontrei algo no bolso que me pôs a pensar muito. Foi um bilhete com a seguinte mensagem: 078902630RH+.

Que não me entenda mal, senhor leitor. Mas eu já sei que você está a olhar para aquele RH+ e a formar uma impressão errada sobre mim, mas eu não sou maluco! E com a mão no coração e a boca a cheirar a álcool, posso dizer que não é o que parece. Nunca doei sangue e tampouco fui ao médico no último ano. Portanto, deixe essas ideias preconcebidas e ajude-me a resolver este mistério.

Aqui no bilhete está a minha letra (é impossível não reconhecer essas monstruosidades alienígenas que tendem a parecer-se com uns caracteres chineses...). Olho mais uma vez para o pedaço de papel e chego a uma conclusão. É um número de telefone de uma das três meninas com as quais falei ontem no bar! Mas consegui obter só um troféu de ouro delas. Então?

Lembro-me claramente das primeiras duas e isso apenas porque quando estabeleci contacto com elas, não tinha bebido o suficiente para me esquecer de como andar. A primeira era um pouco tímida. Convenci-a a beber um copo comigo e a dançar um pouco, mas quando baixei a mão para atingir o seu rabiosque, recebi uma estalada que me fez girar duas vezes no ar. Então ela foi-se embora. Com a segunda foi pior. Não porque tivesse um mau carácter ou algo semelhante, mas porque quando tentei beijá-la, apareceu ao nosso lado um rapaz de dois metros de altura que me deu imediatamente um soco na cara (daí o olho roxo) e logo percebi que era o namorado dela.

Mas quando cheguei à terceira menina, já estava bastante bêbedo e magoado. Ao olhar novamente para o bilhete, o primeiro instinto foi ligar, mas logo notei que na minha frente estavam nove números e um contacto clássico tem dez. Omiti o último que me poderia salvar e, por causa disso, exclamei: Isto é uma obra do diabo! Logo tentei descobrir de onde vinham as duas letras (o RH) e o "+". Seriam as iniciais do nome dela? Mas quem faz isso? Não pode ser. É possível que seja R do seu nome (Rosalinda? Rosa?... enfim), mas então o que representa o H? Uma marca? Tínhamos bebido Hugo... representará o nome do cocktail? Mas ela também tinha uma carteira Hermès. E o "+"? É muito mais difícil do que imaginava.

Ao ver que eu estava a andar dum canto da sala para o outro, pensando e falando comigo mesmo, o meu colega de apartamento (que também esteve ontem no bar)

perguntou-me o que tinha acontecido e eu respondi-lhe que tinha encontrado aquele bilhete e que não conseguia decifrar a mensagem que eu mesmo tinha escrito! Esta situação pareceu-lhe muito engraçada. Entreguei-lhe o bilhete para o ler e durou apenas uns segundos para ele exclamar: Aquilo era dele. Estava à procura daquilo há algum tempo. Que ótimo que o tinha encontrado! E porque estava no meu bolso? E ele sorriu: Se parasse de levar a roupa dele emprestada...

ALEJANDRA BOLDU

A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE

15 anos com uma coragem e o desejo de salvar a nossa casa, assim é a Yuki. Uma rapariga que, em vez de brincar com os amigos, tenta reparar o que os adultos destruíram na perseguição do dinheiro. Refiro-me à Terra, claro, o globo que existe há biliões de anos e que é a casa de gente demasiado preocupada em adquirir o novo smartphone ou de agarrar uma riqueza sem pensar no modo como está a ser conseguida.

A menina contou-me a razão pela qual luta contra o aquecimento global, embora saiba que vai ser muito difícil ter sucesso: queria muito viajar e visitar todos aqueles países que estavam em perigo naquele momento; queria demonstrar que se existisse desejo, podíamos salvar o planeta azul. Ela também pensa em todos os animais que ficam desamparados devido aos incêndios e inundações.

Antes de contar em detalhe como esta menina tenta salvar o mundo, tenho de dizer que o seu nome significa “neve”. Um nome muito bonito e especial, não é? Ela vem do Japão, da ilha Hokkaido mais precisamente, do esplendor branco e mais representativo do país do sol nascente. Mas a sua nacionalidade não interessa – é a causa por que luta o que nos deve unir.

Para se fazer ouvida, ela viaja com os seus pais pelos países que menos ajudam no resgate do planeta-mãe e fala com as crianças e com os pais delas, explicando a importância de não se ignorar o clamor de ajuda dos glaciares. Na maioria das vezes, os espectadores aplaudem-na e choram por causa das suas palavras. Também existem pessoas que a ignoram e se riem dela porque não conseguem entender uma coisa: como pode uma moça falar sobre assuntos que são para os adultos? Mas este é o problema: assuntos como este devem ser importantes para qualquer um de nós. A nossa lutadora samurai nunca renunciou por causa das palavras vazias dos indiferentes e conseguiu fazer algo muito importante.

Como ela não podia ajudar todos os indivíduos e animais em sofrimento, no aniversário dela, pediu aos seus amigos e conhecidos, ou pessoas que ouviram esta triste história, que doassem o que pudessem para todos aqueles afetados pelas consequências do desastre natural. Isso tornou-a numa rainha de neve que desde uma frágil idade começou a salvar o nosso mundo.

Tudo isso foi possível porque ela nunca se importou com as críticas das pessoas que só sabem discutir sobre as últimas coscuvilhices das celebridades ou que vivem as suas vidas nas redes sociais. O seu sonho foi muito mais importante e forte do que as opiniões de uns seres humanos que vivem para outros. Não é justo matar o sonho de alguém só porque tu não acreditas nele ou porque tu não queres lutar por algo. Para alguém, talvez

o seu desejo tenha tanto valor quanto a sua vida e pode ser a única razão para acordar de manhã.

ANDRADA MARCU

A COR DA VIDA

Talvez não pensemos muito nisso, talvez não demos importância suficiente, talvez sejamos demasiadamente egoístas e pensemos apenas nas nossas necessidades. Acordas às sete da manhã e ficas com o café na mão, enquanto pensas no que vais vestir, parado à frente do armário com milhões de roupas e no tipo de rosquinha que queres comprar no caminho para o trabalho. E a bondade, onde fica? Nem todas as pessoas a têm ou querem ter, ou talvez nem saibam o que isso significa. Não obstante, uma coisa é certa: todos somos capazes de a ter e de a levar mais longe.

Há dias em que não nos sentimos as melhores pessoas, há dias em que não nos sentimos confiantes e há dias em que nos sentimos mais felizes, porque entendemos a importância de pequenos gestos, dias em que nos sentimos amados e apreciados, dias em que até o sorriso fugaz de um estranho torna o nosso dia mais bonito. Mas nós? O que fazemos em troca? Quantas pessoas fizemos felizes hoje?

O altruísmo cura o mundo e cura as pessoas.

Talvez tenhas ouvido falar dele, ou talvez conheças alguém como ele ou talvez sejas como ele. Enzo, um homem muito velho, sai do nosso prédio todas as manhãs com um grande pacote nas mãos. Todo o quintal em frente do prédio ganha vida quando ele aparece e todos os animais, os gatinhos, os cães, os passarinhos, ficam felizes – assim que o veem, os pequenos anjinhos correm e voam em todas as direções. Como consegue? Aqueles pequenos animais começam a saltar de felicidade mal ele aparece, comentam os vizinhos. O homem tenta dar atenção a todos e depois enche as caçarolas de comida, água, leite, grãos e sementes. Prepara esta amálgama diariamente, comprando tudo o que é necessário para os animais com a sua própria pensão, sem esperar nada em troca. Faz isto todas as manhãs; faça sol, vento ou neve, cuida deles com muito cuidado. Sempre que o vejo, quero agradecer-lhe por tudo o que faz, porque nos mostra que a bondade realmente existe – na verdade, não ajuda apenas os animais, influencia também outros vizinhos a fazerem boas ações.

Hoje, a caminho do trabalho, encontrei esse velhinho e agradei-lhe por tudo o que ele faz e por motivar todos a tomarem atitudes e a começarem a ver além dos próprios pensamentos, das preocupações quotidianas comuns. A resposta dele foi a seguinte:

– Faço isto há vinte anos sem esperar nada em troca. Este é o problema das pessoas hoje em dia: o que quer que façam é na expectativa de receberem uma recompensa. A minha recompensa é a felicidade que vejo nos rostos desses pequenos animais e nada é mais bonito do que isso. Por que razão devemos ser bons? Porque somos seres humanos, porque o altruísmo e o amor nos definem e nos dão a cor da vida, porque qualquer

pequeno gesto pode mudar o destino de alguém, e eu escolhi ser humano e sinto-me muito realizado.

Estamos sempre tão presos aos nossos pensamentos, à aglomeração de cada dia e à loucura dos nossos tempos que nos esquecemos de sermos humanos, de olharmos para cima e para o próximo e de lhe oferecermos um sorriso, uma flor, uma mão amiga. A bondade é livre, e esta é a história de um bom homem contente e satisfeito. Talvez conheças pessoas como ele ou talvez isto te tenha inspirado a tomares uma atitude e a teres pequenos gestos, ou talvez sejas um deles e possas motivar outros.

ANDREEA ION

VOCÊ

Ainda me lembro. Estava a chorar num banco em frente da minha residência universitária. Mas a minha alma sentia-se aliviada. Eram lágrimas de felicidade? Obviamente que não. Isto não é um conto de fadas. Estava tanto frio, mas por dentro estava a arder. Novembro não podia ter sido mais escuro. Há uns minutos, tive uma grande discussão com a minha mãe.

(És tão inteligente! Mas para de ser tão sensível. És irritante...)

(Mãe, tu não entendes. Sou tão estúpida. Tenho vergonha de mim mesma.)

Parece dramático? Sim, parece uma longa e aborrecida história... Mas passo a explicar o que se passa na cabeça de uma menina de 20 anos, para os interessados.

Nesta altura, creiam-me, a vida parece tão difícil e confusa. Para mim só existia uma palavra: fracasso! E no mundo em que vivemos, esta maravilhosa catástrofe não é uma opção. Reprovi um exame extremamente importante para mim. Perdi muitas noites a estudar, esperando que todo o esforço valesse a pena. Todavia, foi em vão. Pensei: ótimo, não era tão inteligente. Porém, por que razão não era amada? O meu namorado tinha acabado comigo naquele fatídico dia da forma mais cruel do mundo, na minha opinião: ignorando-me. O que tinha eu feito de mal? Não conseguia pensar com clareza. Tudo estava confuso. Sentia-me estúpida e culpada por todas as coisas más que estavam a acontecer no mundo. Há momentos em que todos pensamos assim, não é? Belo dia de novembro!

Pensei: precisava de escapar porque aquilo era demais. Pede e ser-te-á dado. Você apareceu... do nada. Fazendo-me chorar ainda mais. Já não estava frio. Nem sequer o posso tratar informalmente, usando o "tu". Você é uma parte de mim. Esperava que viesse até mim nos momentos difíceis. Como costuma fazer: envolvendo a minha alma com calor, beijando a minha testa e assegurando-me de que vai correr tudo bem. Devem estar a pensar: ah, então o amor da tua vida voltou para ti? Que parvoíce, rapariga.

Oh, meus caros leitores. Não sou assim tão pouco imaginativa. Infelizmente, o príncipe encantado nunca mais apareceu. Era a esperança. Bateu à minha porta, porque eu estava perdida. E ainda sentada naquele banco, à noite, percebi que enquanto esta magia aparecer, sempre me encontrarei. "Você" pode significar qualquer coisa; qualquer coisa que mantenha o vosso coração vivo. Para ser mais fácil. Pensem no amanhecer. O sol alguma vez parou de nascer? Claro que não. Um exame não define a minha inteligência. E um fracasso no amor não significa que eu seja uma pessoa terrível. Eu fiz tudo o que pude. "Você" simboliza amanhã. Todos nós temos um "Você" no fundo dos nossos espíritos. Acham que só estou a dizer disparates... Que este espírito mítico não existe... Mas já o

procuraram? Antes de matarem os vossos sonhos e de ferirem os vossos pensamentos, procurem o sol. E um pequeno conselho: só vocês podem encontrá-lo! Por isso, façam um pouco de esforço. Por causa de "Você", eu escrevi isto. Imaginando que vou inspirar os outros como o "Você" me inspira. Todos os dias.

Por isso... só quero dizer: obrigada! Por me fazer sentir viva!

ANDREEA ION

- LISBOA, SE FAZ FAVOR!

Ultimamente, acordo muito tarde. É estranho, não é? Costumava ser mais ativa, mas... agora só gosto de relaxar. Os dias às vezes passam muito rapidamente; aqui estou, na cozinha a servir-me de uma chávena de café enquanto lá fora está terrivelmente quente. O meu pequeno elixir tem um cheiro diferente de cada vez que o tomo. De vez em quando, sinto falta de algumas fragrâncias, porém, pergunto-me se sinto falta dela? Ou de alguns momentos?

Eu e a minha colega, que hoje poderia dizer que é minha irmã, acordávamos às 7 da manhã. Ela fazia sempre o café, numa chaleira pequena e muito usada; utilizava café de boa qualidade e adicionava muito pouco açúcar. Era extraordinário! Era a sensação mais agradável do dia: tomar um copo de prazer, na varanda de um pequeno quarteirão no centro de Lisboa. Como é que os pássaros podem cantar tão lindamente? Como se os tivesse ouvido pela primeira vez na minha vida... Naquele lugar, toda a nossa vida parecia estar em fuga. Correr para a faculdade, correr para a cantina, correr para a cidade e correr para casa. E, apesar de haver estas pequenas maratonas, tive tempo para contemplar, pensar e encontrar-me: Estamos a viver a melhor vida!

E nos dias em que me sentia preguiçosa, todos os tipos de pensamentos e memórias me vinham à mente. Normalmente, o tempo na faculdade passava muito depressa. Depois de terminarmos as aulas, tornávamo-nos turistas. E percorríamos longas e largas ruas e encostas de Lisboa. Pensava: era terrivelmente cansativo, mas era como uma droga; queria mais. Todos os dias havia algo novo. Parecia-me que nunca iríamos acabar de visitar a cidade. Acho que nem me apercebi, naquela altura, do que me foi dado a ver.

As noites naquela cidade, às quais não posso atribuir um adjetivo suficientemente bom, porque acho que este não as poderia descrever de forma justa, foram mágicas. E como você imagina: sim, elas também tinham cheiro. Reuníamo-nos em torno de uma mesa, com alguns petiscos e um vinho. Tudo o que eu tinha de fazer era divertir-me. Não havia tempo para preocupações, tristezas ou perdas. Talvez apenas algumas saudades. E como não tinha coragem de as fazer ouvir, registava-as. É assim que está escrito no meu caderno, em cima da pequena mesa de madeira: "Tenho saudades tuas, mãe! Mas eu não te posso dizer." A escrita foi suficiente para me libertar.

Descrevia mais o que sentia, não me concentrando tanto na descrição física da cidade. E porquê? Com a ajuda de um livro, todos podemos saber como é Lisboa. Mas, acredite, nem todos temos a oportunidade de sentir a cidade. O poder de um lugar estrangeiro, que agora é como a minha segunda casa, fez-me sentir especial, ensinou-me a apreciar as coisas pequenas. Lisboa, na sua essência, faz-se sentir como outra pessoa.

Por que razão acha que às vezes nos é recomendada "uma mudança de ares?" Porque é assim que podemos mudar as perceções e os sentimentos. Podemos abençoar-nos, porque nós temos a capacidade de construir as nossas vidas.

Talvez até hoje eu não tenha tido a coragem de te confessar o quanto eu aprecio o que me fizeste, Lisboa. Talvez porque ao voltar para casa tenha sofrido tanto. Tiveste um impacto terrível em mim e ensinaste-me a encontrar um pequeno raio de sol quando tudo estava nublado. Eu só te queria agradecer! Vou voltar! Até lá, vou manter-te na minha alma.

Por que motivo eras tão especial? Estou a cheirar-te, Lisboa, neste momento. E se eu tiver a oportunidade novamente, a única coisa que vou pedir será: um copo de Lisboa, se faz favor!

ANDREEA MARCU

VOCÊ

Acho que todas as pessoas deste mundo têm uma outra que é especial para elas e em quem pensam num momento de melancolia. Para mim, ela não é a minha mãe, a minha irmã, nem um homem, mas a minha avó. A cozinha com pernas, como dizia o meu pai, porque ela fazia a melhor comida deste universo. Por isso, quando eu era pequena, era gordinha (mas a minha infância foi fantástica com ela). Desde que saí de casa, qualquer pessoa podia observar que eu não estava com a Mima regularmente para almoçar ou jantar. Ela é a mulher com quem aprendi como amar sinceramente e com todo o coração, como respeitar e não julgar, porque não conheço as vidas das outras pessoas ou os problemas delas. Estas coisas podem ser aprendidas com alguém que tem experiência, acho eu. Todas as sextas-feiras, vou ter com ela com alegria, pensando no que lhe posso contar para a divertir. Espera por mim na entrada da casa e sempre digo: é possível que saia daqui sem alguns quilos a mais? Entra, minha querida, o que estás a fazer? Vem, preparei-te um prato muito grande com batatas fritas e queijo, acho que estás com fome (estava a pensar na sua comida desde que acordei). Já vou.

Chega a hora das contas. Havia novidades?

– Não me telefonaste durante algum tempo. Diz-me, tens problemas na faculdade?

Tinha a mesma simpatia de sempre nos olhos e a sua intenção era mostrar que eu era a pessoa mais amada da minha família. O seu desejo era saber se eu precisava de dinheiro, comida ou um conselho. Disponho de tudo de que preciso por causa dela e o que quero é permanecer a mesma menina inocente para ela, como era há 15 anos (contudo, eu sei que aos olhos dos nossos pais e avós, seremos crianças durante toda a vida). Como posso agradecer-lhe pelo amor que eu recebo, minha avó? Anseio por devolver a essa mulher o que me ofereceu, mas 10 vezes mais e, especialmente, afeto.

A pessoa especial da minha vida é você, porque “tu” não seria suficiente.

ANDREEA VIȘOIU

A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE

Toda a vida é uma luta. Uma batalha que cada um vê da sua própria maneira. Sempre pensei que se a nossa existência é uma sopa, eu sou um garfo. Já há alguns anos (mas alguém já me disse que nunca são suficientes) que trato de descobrir quais são as duas partes da minha guerra (ou se alguma delas vai vencer).

Vivo numa cidade grande onde se encontram diferentes tipos de pessoas (mas todas sem alegria, nenhum sorriso). Robôs que fazem todos os dias a mesma coisa, máquinas que se têm esquecido de desfrutar das suas oportunidades. Eles não sabem apreciar o sol, o ar, a luz nem os seres humanos que têm perto deles. Um dia, encontrei-me no metro com José (uma espécie de carro de controle remoto que tinha na sua mão uma garrafa enorme de combustível para os homens). Ambos tínhamos de passar quase uma hora sentados.

Estás feliz, José? (eu sou?), pergunto-lhe. Mas vi na sua cara algo muito estranho. Como se nunca tivesse sentido felicidade. Feliz? Não. Resignado? Sim. Lembro-me muito bem do sentimento de incapacidade, de tristeza que a sua voz tinha e foi nesse momento que ele começou a contar-me que desde pequeno tinha só um sonho: cantar e viajar por todo o mundo. Tinha feito tudo, mas não tinha sido suficiente. Disse-me que o universo dos cantores era como um coliseu onde o gladiador mais forte ganhava. Deixei tudo para trás, este sonho já não é para mim!

Fiquei todo o dia com um sentimento de descontentamento. Talvez seja verdade que precisamos de um pouco de sorte. Ou que devemos lutar mais, quem sabe. Uma coisa é certa para mim: a morte de um sonho não é menos triste que a morte.

ANNA BĂCEANU

COR LOCAL

A necessidade de fugir psiquicamente ou fisicamente deste voto maligno talvez nos tenha transformado numa sociedade que não se importa? Por que razão consideramos os nossos direitos e obrigações um fardo? Por que razão nos acostumamos a ficar calados e a ser influenciados pelo que os outros dizem? Desde criança aprendi que também é meu dever o futuro do país, mas com o passar do tempo, com a abertura da mente e com os conhecimentos acumulados, comecei a sentir-me frustrada, obediente e talvez indiferente. Tenho certeza de que tu também já ouviste comentários ao teu redor que te fizeram desistir ou mudar de ideias. Deixa como está, os anteriores não foram melhores. Fica quieto, nada vai mudar.

A atitude que tu tens em relação à política é a atitude que desejas ter em relação ao teu futuro. Somos mal informados, a educação não é o que deveria ser, as classes sociais mais baixas são influenciadas pelo que veem na televisão. Por que razão deixamos que um ecrã nos dite a vida?

Alguém me disse uma vez que o país já estava perdido, que nada podia ser feito para acertar as coisas e, ainda pior, mesmo que voltassem à realidade, não teriam sucesso. Este argumento, a mim, faz-me desistir ainda mais de querer uma mudança. Todos olhamos para um mundo que parece estar pintado nos mesmos tons de cinza triste. Eles desenham as nossas histórias, e nenhum de nós quer pintar por cima com vermelho, azul, verde, desejo, heroísmo ou justiça. Os políticos ditam mentiras que reconhecemos e lutamos como se estivéssemos numa selva, na qual os mais fortes e ambiciosos vencem.

Somos roubados do dinheiro, do futuro, do desejo e até das nossas próprias opiniões.

Nós queremos muito com pouco esforço, fazemos pouco, sonhando com mais. Eu preciso, tu precisas, nós precisamos dum ideal que não esteja manchado pelas mesmas cores locais. E, no entanto, quando conseguiremos perceber que a nossa sorte depende de nós, não deles?

ANNA BĂCEANU

AS DOENÇAS

Por que razão não falas? O que aconteceu? – são as frases ouvidas, infelizmente, por todos nós. Num mundo que está a fugir da realidade, a sinceridade tornou-se uma coisa desprezada, mas, ao mesmo tempo, sobrestimada. Porém, acho eu, a sinceridade é uma parte importante da comunicação, ou assim deveria ser. Quando mentimos, não mentimos só às pessoas ao nosso redor, mas também a nós mesmos.

Como seria o mundo sem mentiras? Sem as festas pagãs como o Natal e sem as surpresas feitas aos amigos, ou os corações partidos por causa das mentiras. Aprendemos desde pequenos que a mentira é aceitável entre os adultos e até a ajudá-los em situações estranhas. Se aprendemos a mentir e nos parece normal, por que razão nos sentimos tão irritados quando alguém nos ‘bate’ com sinceridade? Preferimo-la em vez da verdade? Talvez tenhas ouvido alguém dizer que tu eras a melhor pessoa para um trabalho, que não existia ninguém como tu no mundo. E então, com estas palavras, podias sentir o teu orgulho a crescer, sem te dares conta de que não era necessariamente essa a verdade. O resultado dos enganos é que odiamos ser honestos e, de repente, preferimos ficar calados a ofender o outro com a realidade. Eventualmente, chegamos a nada. Zero absoluto. Paramos de falar entre nós e se falamos, não conseguimos transmitir a essência. As relações desfiam-se, os membros de uma família não sabem muito uns dos outros, vivemos num mundo onde é mais fácil conversar na Internet do que pessoalmente. Assim, no mundo real usamos máscaras e incomunicação. Podíamos-nos perguntar: por que razão não mostramos a nossa verdadeira cara? Será o medo de sermos apontados, o anonimato ou já estamos acostumados a este modo de vida? É uma doença pior do que um vírus que se espalha e em breve vai fazer parte do nosso ser, adaptando-se a cada ‘anfitrião’. Mas tu? O que é que tu preferes? Talvez descubras que a resposta é só uma pequena mentirinha.

DAIANA ANTĂLUCĂ

078902630RH+

Tudo acabou. Uma etapa mais que se transformou numa história confusa. As coisas que fiz, sem dúvida, foram em vão. Os sacrifícios, os esforços, as noites sem sono e cheias de pensamentos, tentando encontrar uma solução para sair desta situação não valeram a pena. Esta agonia consome-me muito. Sinceramente, tenho saudades, gostava muito desse sentimento, uma dose de adrenalina única com pura loucura. Nunca imaginei que alguma vez isto me pudesse acontecer. A mim! Porquê? Onde se viu algo assim?

O meu passado representa, em geral, uma amálgama de problemas e não é fácil entendê-lo. Todas as coisas acontecem por uma razão e muitas pessoas passam por períodos menos agradáveis – sempre achei que estava sozinha, tratando de ultrapassar, de superar tudo o que acontecesse. Sou ladra, mas agora atravesso um período de repouso. Desde pequena que me fascina este mundo, dos ladrões – nele encontras, por um lado, controvérsias e, por outro lado, levas os teus limites ao extremo. Cativou-me especialmente a imagem de Bonnie e Clyde, que me ficou impressa na mente. Uma intensa aventura! No entanto, eu não queria ser igual a eles (ainda que estivesse desejosa de mistério). Nós não tínhamos os mesmos planos – Bonnie e Clyde eram só criminosos, ladrões que roubavam bancos. Para mim, o tremendo labirinto a percorrer durante a minha vida assentaria no roubo de diamantes. Mas, para isso, necessitamos de limites claros, para não chegar ao outro extremo. O que poderia ser mais inédito do que as maravilhas brilhantes serem a tua própria impressão?

Amo roubar essas pedras tão refinadas, porque as considero indispensáveis na minha coleção, ao lado dos rubis e esmeraldas. Geralmente os ladrões são desconhecidos, por isso não vão para a prisão. Eu sou um número, embora ninguém saiba, sou conhecida como 078902630RH+! Chamo-me desta maneira porque sempre que roubo uma caixa-forte, mudo a combinação inicial para estes mágicos algarismos para que toda a gente reconheça quem foi o autor. A coisa mais difícil para os ladrões é que uma vez que começam a praticar a arte do roubo já não podem parar. Os bandidos acostumam-se a viver bem, a permitir-se qualquer capricho. Bonnie sempre falava sobre isso: Gostava de satisfazer as pequenas extravagâncias, imediatamente depois de roubar um banco. Não te minto, mas a maioria dos que conheci odiava as condições nas quais deviam morar e, por isso, se tornaram delinquentes. Durante a minha adolescência tive um bom amigo, o Erik, sempre tão alegre. Este anjo inquieto simplesmente adorava a vida. Mas o Erik sofreu um drama terrível quando se incendiou a casa dele. Ele ficou numa situação complicada e a vida forçou-o a cuidar do seu destino: Queria pensar que a sua vida era um carrossel vibrante, que subia ao cume da felicidade e que logo descia.

O desejo de poder resolver todos os problemas da existência e de ativar o mecanismo da prosperidade, felicidade e agradecimento, às vezes, tem um preço demasiado elevado. Esta mentalidade pode conduzir à loucura de ter uma vida perfeita e se não me crês, torna-te tu mesmo um ladrão e verás.

DAIANA ANTĂLUCĂ

O ESCOLHIDO

Se tu não fazes isso, então quem fará? Quem poderia ter uma inteligência tão brilhante como a tua ou uma memória infalível como tu tens? A tua mente é diferente, única, não existe outra semelhante. Esse íman fascinante assimila qualquer informação, detalhe, números ou símbolos. O teu modo de pensar não é apenas distinto, é capaz de surpreender qualquer um num mundo monótono. Neste, as pessoas tornaram-se de papel, sem personalidade ou conteúdo, só com uma aparência inexpressiva. Crê-me, rapaz! Tu és o escolhido. E depois acordei.

Que sonho estranho! Estava numa divisão obscura e a voz frenética de um homem continuava a repetir o mesmo, tinha uma missão a cumprir. Mas e se as palavras dele não fossem verdadeiras? E se existissem apenas na minha imaginação? E se fosse um personagem inventado pelo meu subconsciente? Não devia acreditar nele. Queria bloquear a confusão na minha cabeça, esses pensamentos sombrios, essa inquietação ligada a uma suposta missão e ao meu papel ali e acreditar que tinha sido apenas um sonho, cujo significado não tinha conseguido decifrar. Este mistério, indubitavelmente, tem de ser resolvido...

Na noite seguinte, aconteceu o inevitável. No meu sonho, apareceu o mesmo homem vestido de branco e propôs uma associação. Uma colaboração bastante inesperada. Unirmos as nossas forças e, com toda a certeza, que com o teu intelecto superior e a minha experiência alcançaremos o objetivo da missão. Fiquei aturdido com o modo como me explicava que as minhas capacidades no domínio da matemática simples poderiam ser usadas para enriquecer facilmente, enganando o sistema básico de um jogo. Mais surpreendido que nunca e nervoso, entendi o seu ponto de vista.

Então tive uma revelação em relação à minha vida. Esse descobrimento chocante ia mudar o todo o meu destino. Ele estava convencido de que eu aceitaria o plano dele. Havia só uma oportunidade como esta na vida de alguém, não devia perdê-la. Logo que analisei a situação, dei-me conta de que não era algo mais que uma história baseada numa fantasia da minha mente. Uma experiência imaginária que me ajudou a entender melhor a vida e as suas armadilhas e me lembrou das minhas competências.

Depois de decidir que nada de bom podia sair dali, nunca mais fui capaz de me lembrar destes sonhos completamente. Este quebra-cabeças representava um enigma impossível de decifrar. O homem deixou algo na minha mente, mas o elemento mais importante era, para mim, impossível de alcançar. Sempre que me tento lembrar dessa peça-chave, algo me impede. Esforço-me, mas nada dá resultados, simplesmente não consigo.

DIANA GRESOIU

A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE

Os homens têm duas coisas com as quais se podem entristecer. Uma que os faz morrer definitivamente e outra que os faz morrer só parcialmente. Tu, meu leitor, se alguma vez tiveste a oportunidade de refletir sobre a vida, concordarias comigo sobre o assunto desta crónica. Pois aquilo que te vai matar completamente é o falecimento do corpo físico, para ser mais precisa, a morte da tua existência material neste mundo, mas este tipo de extinção não significa uma tragédia tão grande, porque esta caixa de carne em que fica a nossa alma é só útil durante a vida. Depois da morte física, não te vais preocupar mais com aquilo que é concreto. O que é, com certeza, mais importante do que o teu corpo é a tua alma, aquela coisa que não se pode explicar por palavras, mas que te faz sentir vários tipos de emoções e sentimentos. Agora, a extinção da alma, essa é a coisa mais terrível do mundo porque ficas sem nada. Então, quando o teu corpo morre não é um acontecimento tão triste porque a tua alma fica viva para sempre (pelo menos isto é o que eu creio ser verdade), mas, imagina, se a tua alma morre (e falo duma morte espiritual que provoca sofrimento), o que vai acontecer?

A tua vida vai perder todo o significado. Mas qual é a morte da alma? – perguntam todos quando refletem sobre a vida. Pois, os sonhos duma pessoa são aquilo que mantém a alma viva. Se os matam automaticamente, o nosso conteúdo espiritual destrói-se e o que fica é só tristeza e depressão.

Toda a minha vida me confrontei com estes tipos da morte, por isso para mim é fácil distingui-los. O falecimento duma pessoa amada é realmente horrível, mas só para os que ficam em vida; para quem morre, pode ser algo melhor. Mas quando o teu sonho, o teu desejo, morre, o teu mundo acaba com ele e vais sofrer até ao fim. Porém, não falo de uma fantasia que normalmente tens quando estás a dormir, mas duma aspiração que tens quando estás consciente. É uma criação da tua imaginação, que fica na tua mente contanto não renuncies a esta. Se rasgares a fotografia dum futuro que queres viver com tanto desejo, perderás uma parte do teu espírito e dos sonhos dos quais estás a desistir – e mais infeliz a tua alma ficará até que finalmente partirá.

Para que entendas o que quero dizer, vou contar-te uma lembrança da minha infância. Quando era pequena, tinha muitos sonhos. Como qualquer criança, eu tinha o sonho de me transformar numa criatura sobrenatural, mais precisamente numa fada que tinha o poder de controlar todo o mundo (sim, fui uma criança que não se limitava a uma coisa pequena) e também imaginava muitas outras coisas deste tipo, mas o que matou a minha alma não foi uma fantasia, foi o desejo de escrever um livro, de me tornar uma escritora. Durante um tempo achei que isso aconteceria com toda a certeza, fruto de muito

trabalho, dedicação e concentração, e não pensava que seria tão difícil porque tinha uma imaginação rica – pelo menos era isso em que acreditava, mas não foi assim. Eu tinha ideias, mas não tinha o talento (o talento não era necessário para fazer algo, tudo o que devíamos fazer era um esforço e conseguiríamos – palavras de muitas pessoas, mas já não concordo com elas). O teu esforço pode ser máximo, mas se não tiveres a paixão, o teu trabalho não significa nada.

Tentei escrever uma história, que achava única e especial, e dei-a à minha melhor amiga para que a lesse. Ela leu-a e ficou algum tempo sem dizer nada, o seu silêncio falou por ela. Era claro que a minha história não era boa. Depois disso, não voltei a escrever – o meu sonho morria com a minha obra que nunca passou para o papel dum livro. Portanto, o meu sonho não chegou a concretizar-se e a minha alma ficou triste e negra, porque descobri a verdade nua e crua de que não tinha o que era necessário para ser uma escritora.

Tu, meu leitor, deves ter uma história semelhante dum sonho qualquer que nunca foi realizado e, por isso, sabes como é quando a tua alma morre com ele. No entanto, a morte dum sonho é mais triste do que a morte física, porque, durante a vida, a nossa alma vai morrer mil vezes de cada vez que um sonho se perder e ficará mais triste – enquanto, por outro lado, a morte física acontece só uma vez e depois dela já não sentimos mais nada.

GABRIELA VLĂȘCEANU

A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE

Hoje não é um dia como qualquer outro. É o dia mais importante da minha vida. O Dia D. Há um mês, candidatei-me a uma universidade do Reino Unido, para uma licenciatura em Relações Internacionais. Este momento foi indiscreto, o único momento nos últimos anos em que senti que estava a viver, que finalmente fazia algo para mim, fora da rotina e das expectativas dos outros (da minha família, especialmente dos meus pais). Hoje, os resultados vão ser publicados.

Trabalhei muito para isto. No início, ninguém acreditou em mim. Lembro-me do meu ex-namorado: Nunca vais conseguir ir para o Reino Unido, o teu inglês é horrível! Muito obrigada, cabeça de ovo (quando terminei com ele, decidiu rapar o cabelo e fazer a barba). Um ano depois, também porque era um dos critérios para a candidatura, fiz o exame de inglês IELTS e tirei 7 num total de 9. Quem tem um inglês horrível agora?

Este acontecimento é só uma coisa pequenina. Na verdade, enfrentei problemas maiores. Os meus pais encontravam outros inconvenientes. Não tinham dinheiro suficiente para me pagarem os estudos no estrangeiro. E como podia ir embora e deixá-los aqui? Sempre assim, dois anos nisto, desde que decidi ir estudar para o Reino Unido. Estou a perguntar-te, leitor, achas possível fazer alguma coisa com esta negatividade à tua volta?

Mas voltemos ao presente, estou à frente do computador, com os resultados no e-mail. Tenho de os ler duas vezes, para entender. Depois levanto-me da secretária e vou até à sala de estar, onde estão os meus pais.

– Que cara é essa? O que aconteceu? – perguntou a minha mãe.

– Não fui aceite.

– Onde? – diz o meu pai.

– No Reino Unido. Eles disseram: obrigado pela sua candidatura, mas infelizmente não podemos oferecer-lhe um lugar dentro da nossa universidade, blá-blá-blá. Este é o pior dia da minha vida! Não posso crer que sou tão estúpida!

Tudo ao meu redor está a girar. Não posso acreditar. Todos estes anos trabalhei muito, concentrei-me para fazer tudo perfeitamente e foi tudo em vão. Choro. Não sei que tipo de lágrimas são estas. Tristeza, raiva, se algo entrou para o meu olho (na realidade, creio que nunca vou realizar seja o que for na minha vida).

A minha mãe, um pouco assustada, tentou falar comigo: Filha, por favor, acalma-te. É só uma candidatura. Ainda tens muitas oportunidades aqui, na Roménia. Não é uma tragédia. Ninguém morreu.

Sim, mamã. Tens razão. Ninguém morreu. Só o meu sonho.

GABRIELA VLĂȘCEANU

QUANDO AMAS, ESTÁS PREDISPOSTA AO CIÚME

Tenho de lhe perguntar algo, leitor. Certamente conhece aquela expressão que as mulheres (às vezes, os homens também) dizem: Não consigo acreditar como aquela mulher pode ser tão ciumenta. Que comportamento tóxico. Nunca vou ser assim. Se calhar, usou-a outrora. Eu, devo confessar, habituei-me a dizê-la. Lembro-me quando a minha melhor amiga se apaixonou pelo melhor amigo dela, mas ele estava numa relação com uma outra rapariga naquele momento. Ela tinha muitos ciúmes do gnomo de jardim (a namorada do amigo era muito baixa, então pareceu-lhe uma boa alcunha). Seja como for, um dia fui sincera com a minha amiga, Andra de seu nome, que não era normal, aquele ciúme matava-a, ele não era namorado dela. E ela respondeu: Sim, sei, mas o que posso eu fazer? Quando amas, estás predisposta ao ciúme.

Uma vez faltei a uma aula da faculdade e fui à casa de uma outra amiga, Teo. Encomendámos KFC e começámos a bisbilhotar. Todas fazemos isso, não é? Enquanto comíamos, ela contava-me do namorado dela. Ele estava sempre com o melhor amigo dele e com aquela galdéria! Se calhar era melhor desativar a conta dela no Instagram para não ver as publicações dele – resumindo, a namorada do amigo do namorado é também a melhor amiga dele e, no passado, eles tinham tentado ser um casal. Então, pode imaginar o drama. No aniversário da Teo, ela e o namorado podiam ser vistos sempre a discutirem. Como posso competir com a Miss Perfeita? Ela é mais bonita, ele está todo o tempo com ela, entende-o melhor. Talvez seja a sua segunda opção!

Outro dia, outra pessoa ciumenta. Desta vez, a Raluca, minha ex-colega da escola secundária. Não fomos sempre íntimas, mas nestes últimos meses tornei-me confidente dela.

– Tenho de te confessar uma coisa, começou a minha amiga, estou apaixonada pelo Radu.

– Radu? O nosso colega Radu, o teu velho amigo, a pessoa que tentou beijar-te no elétrico, mas ficaste com medo e fugiste dele?

– Obrigada pela lembrança. Sim, é ele. Mas não vale a pena. Ele tem uma namorada agora.

Então, o que se pode fazer, leitor, quando a nossa amiga vive um episódio de *Friends*? (lembra-se, leitor, daquele episódio em que Rachel percebe que ama Ross, mas ele está com uma outra rapariga, Julie?). A Raluca começou a ter ciúmes depois. Nunca tinha amado uma pessoa como ele. Tinha sido estúpida naquele dia no elétrico. Tinha perdido a oportunidade.

Talvez se tenha esquecido de mim, leitor, o enunciador desta crónica. Lembra-se do que eu disse no início? Que nunca entendi as mulheres que têm ciúmes? Veja-me agora, a escrever as histórias das minhas amigas, quando eu sinto a mesma coisa. A vida tem meios deveras interessantes para nos dar uma lição. Agora, tenho de concordar com a Andra. Quando amas, estás predisposta ao ciúme.

IOANA TOMA

COR LOCAL

Cor local? Em que pensamos quando ouvimos isto? A maioria acha que este conceito está relacionado só com as regiões de um país, mas refletindo mais sobre este assunto, chegámos à conclusão de que a cor local significa, de facto, o que diferencia uma coisa do resto. Portanto, se podemos relacionar esta ideia com os espaços físicos, podemos concluir que esta característica pode ser atribuída às pessoas também.

O meu nome é Joanna, mas esta informação não é tão importante, o que é significativo neste contexto é a minha origem. Eu sou romena, nascida em Bucareste, mas os meus pais são de Oltenia, mais especificamente de Slatina, então, eu tenho origem naquele lugar. Oltenia é, como outros territórios da Roménia, uma área geográfica cheia de cor local, desde as tradições até à língua. Aqui aparece a ideia de cor local: as pessoas que vivem em Oltenia são marcadas por diferenças sociais, que para elas são perfeitamente normais, mas, para outras, que não estão habituadas a esta diversidade, serão só esquisitices.

Sempre gostei, quando passava férias na Slatina e quando ficava mais de uma semana, de falar como os moradores, com o Perfeito Simples, que em Bucareste não se usa. Sempre gostei desta diversidade na língua romena, esta cor local de cada região é algo muito especial, mas aqueles que são marcados por esta, especialmente na língua, são às vezes gozados por isso e tentam mudar as coisas que os fazem únicos. E eu não entendo isto...

Uma das minhas amigas é da Moldova. Conheço-a desde que ela veio para Bucareste para estudar e, desde o início, ela tentou esconder a sua origem, o seu sotaque e o seu comportamento específico, e perguntei-lhe: Porquê? Por que motivo estás envergonhada? Ser diferente não representa um motivo para nos escondermos: pelo contrário, precisas de te orgulhar duma oportunidade como esta.

No início a Diana, a minha amiga, falou sinceramente comigo e disse-me com tanto orgulho que é da Moldova e eu fiquei mais entusiasmada do que ela, porque gosto de pessoas diferentes de mim. Depois de algum tempo, apresentei-a aos meus outros amigos e, naquele momento, observei que a Diana tentava, de forma muita vincada, esconder a sua verdadeira origem. Mas, em pouco tempo, a bonita menina entregou-se. Sem dar por ela, começou a falar como era, de facto, natural para ela e, quando se apercebeu, coitada, ficou tão vermelha, como um tomate. No momento seguinte, este acontecimento passou a ser incrível para ela, todo o mundo ao seu redor ficou muito alegre e todos a consideraram muito engraçada por causa do seu sotaque e maneira de falar. E a Diana,

respeitadora como era, pediu desculpas por tudo aquilo que tinha acontecido, mas todos lhe disseram que não havia problema.

Então, o que é a coisa mais linda deste mundo a não ser a diferença? Eu não posso pensar em nenhum facto mais maravilhoso do que este, porque ter pessoas tão bonitas à nossa volta é o melhor, termos tantas coisas para descobrir (é sempre um prazer, nunca estou aborrecida), mas ao mesmo tempo temos tantas em comum.

Por isso, aconselho-te a demonstrares as tuas cores locais, porque é uma dádiva de Deus, não um motivo de vergonha, porque, no final de contas, somos todos homens, independentemente das nossas línguas, a cor da pele ou das nossas paixões.

O que seria este mundo se fôssemos todos iguais? Seria uma vida aborrecida. Por isso, ousa ser diferente, porque eu sou e estou também muito orgulhosa disso.

IOANA TOMA

ANSIEDADE

Todos os dias, de segunda a sexta-feira, tenho o mesmo horário. Depois de muitas horas passadas na faculdade, volto a casa com uma bebida energética e, às vezes, com um café, e começo a fazer os meus trabalhos de casa ou quaisquer outras coisas que necessite de realizar. Não obstante fazer as minhas tarefas tranquilamente, começo a sentir, segundo após segundo, o batimento cardíaco a aumentar cada vez mais rapidamente. Parece que o meu coração quer sair fora da boca, sinto-o na garganta e tenho a impressão de afogamento, um buraco negro no estômago e algo muito pesado pressionando o meu peito.

Esta história começou durante alguns exames importantes. No dia antes da segunda prova, experimentei pela primeira vez todos estes sentimentos da ansiedade. Esta lembrança ficou muito viva na minha memória, como se fosse ontem. E, desde aquele momento, os ataques começaram a repetir-se a cada oportunidade. Tornaram-me noutra pessoa, um indivíduo cheio de pensamentos negros, negatividade, stress e insegurança. Sentia-me como uma pessoa com duas faces: quando estava rodeado de amigos e família, tudo era excelente, mas quando experimentava pensamentos negativos, a minha cabeça tornava-se vazia, com exceção do pânico.

Inicialmente, cria que estas sensações eram só uma reação ao meu medo dos exames. De facto, eu tinha um problema mais grave do que achava. Comecei por ter estes ataques de pânico apenas antes de alguns exames ou durante períodos com muitas avaliações, mas as coisas complicaram-se, porque me tornei constantemente ansioso. Tinha estas sensações monstruosas enquanto conduzia, comecei por ter pesadelos todas as noites, a ter medos banais (como de inundações ou terremotos), verificava muitas vezes se fechara a porta ou o carro e muitas outras coisas. Todas estas ações representam sinais da ansiedade, que, de facto, constitui um problema mais grave do que parece.

Isto nunca foi uma sensação agradável: pelo contrário, para mim esta foi uma das mais terríveis experiências que vivi até hoje, porque não podia exprimir o que sentia e às vezes estes ataques de pânico transformavam-me numa pessoa que eu nunca conhecera. Somos pessoas e é normal termos medos, mas precisamos resolvê-los.

Agora estou bem, enfrentei este problema, mas, às vezes, ainda sinto aquele frio e pergunto-me: É um novo ataque de pânico?

LORENA DORCU

COR LOCAL

O sintagma “Cor local” transmite a cada um de nós uma coisa diferente. Mas para mim o que significa? Eu refleti sobre isso por um longo tempo até perceber que não precisava dum único lugar, um momento ou uma certa situação. E cheguei a uma conclusão que resumiria todos os meus pensamentos sobre esse aspeto. E esta ideia é a seguinte: a “cor local” é um sentimento que um lugar específico nos transmite e que está relacionado com vários fatores. Você pergunta: quais são esses fatores? Eu posso dizer-lhe quais são esses elementos para mim, os elementos que trazem a “cor local” à minha vida: sempre que penso na aldeia dos meus avós, um lugar cheio de lembranças e felicidade. Eu costumava sair de casa de manhã para brincar e voltar à noite cansada, pronta para dormir, porque o dia seguinte seria um dia cheio de jogos e amigos e nada me deixava mais feliz. Então, de cada vez que volto à região, o meu coração enche-se de felicidade e lembro-me com carinho de todos os momentos que passámos lá e associo tudo isso a uma cor vibrante, porque revivo as emoções daqueles tempos.

O mesmo acontece quando volto à minha cidade natal, “o espaço da minha transformação”, porque me lembro com carinho de todos os momentos do ensino básico e do ensino secundário com os meus colegas, amigos e a minha família, que me fizeram desenvolver e tornar-me a pessoa que sou hoje.

Todos os lugares que você apenas visitou ou onde ficou por algum tempo deixaram uma marca em si, de maneira positiva ou negativa. Existem cores escuras como preto, cinza ou castanho que associamos a lugares que provocaram um sentimento de tristeza em nós, e isso é uma coisa completamente normal. O facto interessante é que um lugar ao qual associamos uma cor quente e forte, que nos pode provocar alegria, outra pessoa pode associar uma cor fria ou neutra que simboliza sofrimento, saudade e melancolia – depende do que cada um sentiu quando esteve naquele lugar (se não tivesse que morar com os meus avós, não sei se teria todas aquelas lindas memórias de infância).

Então, a cor local é uma metáfora das emoções transmitidas quando chegamos a um lugar ou apenas quando pensamos nisso.

MARTA IGNAT

DALILA

Os pais que esperam um novo bebê geralmente sabem antes do nascimento o nome que lhe vão dar. Desde pequena, a criança aprende o seu nome, algo que fica definido para sempre. Isso acontece com todas as pessoas e há algo interessante, a meu ver: a nossa personalidade é influenciada indiretamente pela audição constante do nosso nome quando nos chamam. Pensaste nisso?

É interessante ver o que “Dalila” significa – doce, delicada, oscilante – e analisar o seu comportamento numa história contada na Bíblia sobre Sansão e a bonita filisteia. Um homem forte apaixonou-se pela linda mulher e ela tentou descobrir qual era a fonte da sua força para ajudar os filisteus a aprisionarem-no. Dalila é considerada doce e delicada porque consegue convencer Sansão a contar-lhe como tem tanto poder (engana-o, dizendo-lhe que o ama e Sansão, como um idiota, acredita nela e conta-lhe o segredo): O meu poder está no meu cabelo. A bonita fingidora recebe o que quer e o pobre Sansão é capturado pelos filisteus.

Esta história tem um fim triste e faz quem quer que a leia ter medo do amor e não só. Por que motivo? Porque, até hoje em dia, encontramos pessoas que enganam e que não gostam de ser verdadeiras. Acho que tu também conheces pelo menos um ou dois amigos ou tiveste um namorado/namorada que se tornaram mentirosos. E agora devemos crer que toda a gente é falsa ou que todas as pessoas que têm o nome Dalila são mentirosas? Não, não são todas assim. Apesar de às vezes passarmos por momentos não desejados, devemos ficar abertos a novas experiências.

Por isso, um problema destes tempos é que se as pessoas acham o outro bonito assumem que a sua personalidade é ótima também, mas isso não acontece mesmo. O ser humano deixa-se enganar pelas aparências e esquece-se de olhar para o fundo da alma, que é mais importante do que tudo o resto.

Um conselho para ti: não creias mais no aspeto do que no temperamento duma pessoa. Tem cuidado na escolha dos amigos e dos namorados. Observa mais e vais ter uma vida melhor, sem muitas complicações.

MEDEEA DAMIAN

COR LOCAL

Num mundo com mais de 7 bilhões de pessoas, entre carros, nacionalidades, num mundo com tanto trânsito, num mundo no qual as pessoas não acreditam em mais nada e o futuro é incerto, só num caos assim, quatro raparigas puderam confiar na força da amizade. Na cidade 'coração' do país onde todos buscam oportunidades, amor e um novo começo, a interculturalidade encontra-se, indivíduos de diferentes partes do país juntam-se. E o que significa, na realidade, a amizade?

Naquela segunda-feira, saí sem saber muito bem para que lado me dirigir, só perseguia as setas das ruas, vendo em todos os lados publicidade, a multidão de formigas que ia para o trabalho. Tive a sensação de que alguma coisa estava errada, não percebi muito bem por onde deveria ir e perguntei a um senhor. Ele explicou-me que para chegar ao meu destino, devia atravessar a avenida. E, ali, em frente do edifício, estavam elas, umas raparigas elegantes com cigarros nas mãos.

Têm um isqueiro? Assim, começou a nossa amizade, com uma pergunta. O laço que vai significar mais tarde a cor da lealdade. Dia após dia, falávamos sobre as coisas que aconteciam no nosso universo, nas nossas famílias e também nas nossas relações sentimentais. Os problemas que faziam de nós umas jovens infelizes. Ao contrário do que muita gente julga, ah, a fidelidade não existe, muito menos amizade, ou se existe é muito raro e difícil de encontrar. A amizade existe, sim, e eu quero contradizer todas essas criaturas, porque não se olha para o dinheiro, para o tempo, olha-se para o nosso interior. A certeza de que existimos, nós quatro, fantásticas, e fazemos isso possível. Por volta das 10 da noite recebi uma mensagem duma delas: encontrávamo-nos no sítio de sempre, para a festa de Ano Novo, sozinhas em casa é que não devíamos de ficar, não era? Fiquei calada, coloquei o telemóvel na mesa e rapidamente me vesti.

Talvez esta passagem de ano, em que tínhamos a possibilidade de dançar e festejar juntas, fosse um sinal. A cidade estava cheia de abelhas, o fogo de artifício, a música, as luzes das ruas representavam um grande ano novo que nos espera. Que emoção, que felicidade, que alegria, toda uma explosão vivida. Em cada amizade, há essa experiência, na qual não conta a distância, os amigos são para toda a vida. Não sabemos o que pode acontecer no futuro, mas seja amor seja sofrimento, seja o que for, não conta quem vai aparecer nas nossas vidas, vamos estar sempre aí umas para as outras.

MEDEEA DAMIAN

AMAR

Amar... tantos sentidos e tantas emoções. O que significa na realidade esta palavra? Amar a família, amar a pessoa ao nosso lado, amar a morte, amar a vida, amar o mar, amar a si próprio... Um puzzle difícil de resolver. Como sabemos que amamos uma coisa?

Eu pessoalmente amo o mar e a literatura. Uma vez um homem disse que há mulheres que trazem o mar nos olhos. Um pensamento profundo, mas também cheio de segredos. Assim falo eu sobre a literatura, como um tesouro antigo, no qual algumas vezes correndo o perigo de me perder, arrisco tudo por um bocado de tranquilidade, só eu, o mar e um bom livro. Oh, a areia fina debaixo dos pés, as ondas e o som delas, a praia de uma cor amarela intensa, só o horizonte na minha frente, um pôr do sol magnífico. Naquele momento, no outro lado do mundo, na praia de Copacabana, a Selenia escrevia uma carta de amor ao seu amado. Desgraçadamente, chorava como uma Madalena, escrevia num pedaço de papel, colocava-o numa garrafa e atirava-o ao mar. Dois anos depois, a rapariga ainda pensava nele. A vida dela mudou completamente, agora era escritora numas das maiores empresas de publicidade do país, todo o mundo a adorava. Mas, apesar das coisas boas que ocorriam na sua vida, não era feliz, e tudo o que é mais importante nesta vida é a felicidade. Se não estás feliz, de que vale o esforço de trabalhar? E, aí estava todas as noites, à beira-mar, sabendo que algum dia o noivo ia regressar.

Estas coisas penso que se passam com a maioria das mulheres, enquanto o mundo for mundo, o nosso desejo de trabalhar, viajar e conhecer todos os cantos da terra, estará sempre connosco. É como jogar com a sorte, na realidade tudo isso tem um preço, a nossa felicidade. Vocês o que acham, estão dispostos a pagar o preço?

Existem pessoas com diferentes sonhos na vida, mas nem sempre a vida é justa, como dizia uma canção: assim é a vida, a vida é assim. Acordo de repente, aparentemente o livro que estava a ler apoderou-se da minha imaginação. As ondas ainda quentes atingem os meus dedos dos pés como se quisessem gritar: Medeea, deixa de sonhar com o período cor-de-rosa, a palavra "amar" não existe no teu vocabulário.

MIHAI BABA

COR LOCAL

Estamos numa altura em que a intolerância é cada vez mais visível e os jovens se tornam fãs duma atitude que separa amigos, namorados, noivos e familiares. As relações inter-humanas estão em perigo por causa do ódio. Portanto, haverá alguma esperança para o futuro? Eu digo: sim senhor! E há muita confiança. O evento que narro de seguida vai trazer a luz humana de que todos nós estamos à espera, e que alguns de vocês nem tanto!

Numa noite de primavera na cidade de Braga, cidade pequena do norte de Portugal (pouco importa o lugar), vários estrangeiros saíram para os bares. Eles provinham de todos os lados da Europa e de países longínquos. E pronto... de que é que estavam à procura na terra do galo de Barcelos, dos carretos e das gaitas? Esta pergunta refletia-se muito bem nos olhos dos bracarenses. O que também estava eu a fazer: a estudar! E o João sussurrou: bebiam, comiam, exploravam, bebiam! Pronto, é verdade, mas não se apressem a julgar! Para vocês tudo isto não diz nada, mas, para nós, estas felizes atividades significavam uma parte da aprendizagem. Eram lições humanas, culturais, superiores àquelas teóricas que escrevia nos papéis. Os novos estranhos cidadãos aprendiam não só a cultura do sítio, mas muitas outras que os acompanharão para sempre, ou seja, os costumes, as bebidas e os pratos tradicionais de cada país. Além disso, estas pessoas compartilhavam com os outros a cultura deles. E partilhando a alma de cada nação, eu, como romeno e pessoa, entendi que bastava só saber a minha própria para conhecer outras. Com as meninas turcas, tive em comum a comida, as palavras, os gestos... uma ligação forte cultural entre dois povos bem diferentes, mas também tão próximos, uma conexão desagradável na opinião de alguns que estão ancorados à História. Com os eslavos, a comida, a multidão das palavras, a mentalidade – e, por certo, a aguardente que serve para quebrar a frieza, e o frio... (porque na nossa parte da Europa faz realmente frio!) – e também, entre nós, há uma parceria e convivência desde há muito tempo. E, por fim, os nossos irmãos latinos com quem compartilhamos tanta coisa, em especial com os italianos – diria que temos o mesmo temperamento e o tom alto.

O que experimentei foi, a meu ver, algo que não se pode aprender nas aulas. Talvez possamos. Mas uma coisa é certa. O que se sente não se pode negar. Para mim, todas essas culturas diferentes considero-as irmãs. Todos demos e recebemos e no final conseguimos entender-nos. Conseguimos fazê-lo bebendo cerveja, comendo gastronomia portuguesa, partilhando uns com os outros e dançando ao ritmo de reggaeton, funk brasileiro e ritmos africanos todos juntos. Posso dizer-vos que todos os

seres humanos gostam de se divertir! Transformem as vossas vidas em mosaicos e cores locais!

OANA SÎRBU

A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE

Acordas, vais à casa de banho, olhas para o espelho e um sorriso aparece no canto dos lábios, estás no bom caminho – na tua cabeça está sempre a voz do Criador, ou de não sei que pessoa importante do passado: faz sempre de qualquer dia o melhor dia da tua vida (e os dias pesados da vida?) –, saís de casa com brilho nos olhos: a partir de hoje vou viver a minha vida de verdade.

Chegas ao emprego, o chefe dá-te os parabéns pelo trabalho ótimo que fazes, serás promovido, além disso, tens um bónus: receberás um mês de férias para poderes visitar esse país que mencionaste ao teu colega de trabalho. Estás confuso, mencionaste tantos...

Terminas as tarefas, saís do escritório, vês uma mulher maravilhosa, a moça também te está a observar, está encantadíssima, tu mais ainda, nela vês a perfeição, começa o amor à primeira vista, ela é a tua alma gémea, ela vai acompanhar-te na viagem, casará contigo e terão juntos três filhos (sempre quiseste três pequenas criaturas que, no teu lugar, ajudariam a tua esposa nas tarefas da casa). Depois de tanto tempo, vais comprar a casa que sempre desejaste, com dois andares e piscina. Todas estas maravilhas vão dar sentido à tua vida.

Mas a vida dá-nos sempre surpresas.

De repente, ouves um ruído. Saís da cama assustado.

Tudo foi um sonho.

Um dos canos da casa de banho rebentou. Tens de avisar o chefe que não vais faltar, apenas chegar atrasado, porque o canalizador vai fazer todos os possíveis para reparar aquele problema rapidamente (mas só para perceber qual é o problema leva meia hora).

O segredo está na tua cabeça, disse-te a amiga que estuda Psicologia, mas ela não te disse que a vida te pode cortar a cabeça a qualquer instante. O que queres agora é voltar ao sonho em que tudo era perfeito.

Ora, não sou eu a pessoa mais indicada para te dar conselhos, mas posso dizer-te o seguinte: quando queres viver o ideal da vida, dorme!, porque só nos sonhos a tua vida pode ser ótima.

OANA SÎRBU

O TEMPO NÃO CORRE, ELE ESPERA-TE

Outro dia. A paciência é menos do que ontem, mas mais do que será amanhã. Queria que os dias passassem mais rapidamente. Queria que o tempo acabasse.

Estava com a chávena na mão, o cheiro do café preenchia o ar, já sentia o sabor na boca. Este era o único prazer inocente que lhe restava todas as manhãs, antes de começar a preocupar-se. Preocupar-se com quê? A Alícia era uma mulher que já tinha renunciado a ela própria há muito tempo: só tenho força para admirar a minha princesa com estetoscópio colocado ao pescoço, a minha menina salvadora.

A Jénifer representava tudo o que a sua mãe tinha de mais precioso (escolheram esse nome porque o pai tinha tido desde sempre uma paixão pela Jennifer Lopez). A rapariga era muito bonita (até muito mais bonita do que J.Lo, diria a sua mãe), o pai chamava-a de Girassol por causa do seu cabelo brilhante e amarelo. Aos 26 anos, Jénifer era já uma mulher, com grandes sonhos, com muita coragem e muita perseverança. Desejava, desde que era criança, tornar-se médica-cirurgiã, fazer os seus pais orgulhosos. Quando o pai faleceu, depois de receber um diagnóstico grave, as duas ficaram sem o maior apoio, sem a pessoa que sempre tinha cuidado delas.

Foi então que a Jénifer decidiu tornar o seu maior sonho realidade, o desejo mais forte e a sua alma mais confiante. Tudo em nome do seu pai. Queria a qualquer preço dedicar a sua vida a ajudar e a salvar pessoas com necessidades, assim como os outros médicos tentaram salvar o seu pai, infelizmente, sem sucesso.

Corre. Foge. O tempo desaparece. Quando perdeu a Alícia o seu amado esposo? Quando se tornou o pequeno Girassol numa médica dedicada e apreciada?

Ao contrário da sua filha, a Alícia escolheu o isolamento. Desde que o António se tinha tornado na pessoa que só a sente, mas não a vê, a mulher era só uma sombra atrás da sua filha, apoiando-a e aplaudindo os seus sucessos. Mas quanto a ela própria, ela não tinha um presente, nem um futuro, só continuava a ser cativa do passado.

Já comecei!, murmurou a Alícia. Tomou um trago, mas o café tinha esfriado. Tinha passado mais de meia hora desde que se tinha sentado no sofá com a chávena na mão. Sentia tanta saudade. Saudade da paz, da felicidade, do alívio.

Colocou a chávena em cima da mesa: iria fazer outro café mais tarde. Pegou num caderno e numa caneta e, assim, começou o desaparecimento da sua doença, escrevendo os mais intensos pensamentos, os medos mais ocultos e os sentimentos mais sufocantes.

Tinha descoberto a salvação. Depois de tanto tempo e de tanto sofrimento.

Escreveu, escreveu e escreveu.

Foi assim que o tempo reapareceu. Mas noutra forma, com outra substância, dilatado e extenso.

Agora ela não tinha nem passado nem futuro, estava fechada nesse momento para a eternidade.

SILVIA NICOLA

A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE

No primeiro período da minha infância, coloquei todas as minhas esperanças num sonho, depois de uma noite perturbadora.

Numa noite de verão, período em que a minha imaginação era testada, talvez por causa da minha idade ou pelo facto de eu estar de férias e de me sentir livre e preparada para testar todas as minhas qualidades, decidi tentar reproduzir pintando tudo o que sonhava ou imaginava. Era isso um sinal? Então tudo o que tinha sonhado passava para a tela – pertencia-me uma sala inteira de quadros pintados, era um pequeno Picasso que trazia tempos perturbadores de um jovem, uma criança de 12 anos.

Comecei a recriar pinturas de grandes personalidades a partir das fontes de inspiração deles (natureza, pessoas) e a criar uma pequena exposição no meu quarto, onde me sentia seguro. O único e maior obstáculo era o facto de os meus pais não apoiarem o meu desejo, não recebia o incentivo de ninguém. Os meus pais costumavam dizer: As crianças mágicas que transformam os seus sonhos em realidade não existem, precisam de trabalhar e de estudar para terem uma vida boa, decente. Na minha cabeça predominava, a ideia de que esses lobos morais destroem o sonho e a confiança que uma criança constrói com muito esforço para os transformarem em robôs que fazem exatamente o que lhes dizem. Mas quem era eu para contradizer as palavras dos meus pais? Os jovens deviam permanecer em silêncio! – segundo eles. Como acreditar num sonho? – reafirmavam. Esta era uma regra à qual as crianças não podiam escapar.

Para que uma criança acredite nos seus sonhos, independentemente da sua natureza, ela deve ser apoiada e incentivada a descobrir as suas verdadeiras vocações. O que está relatado acima é a triste realidade e confirmação da conclusão de que “a morte de um sonho não é menos triste que a morte”. Um sonho pode tornar-se realidade quando abrimos asas; todos temos que tentar até que o que queremos se concretize. Os pais são um pilar de apoio no treino dos filhos, não os devem forçar a seguir o caminho escolhido por eles.

SILVIA NICOLA

O TEMPO

As lembranças mais bonitas da minha infância, os tesouros da alma de todos os homens, são as férias passadas com os meus avós. As pessoas que me mostraram o caminho certo da vida deixaram uma marca profunda na minha alma quando eu era pequena.

Lembro-me com alegria de brincar, imitando-os e tentando ser como eles, porque sem perceber, desde então, esperava poder seguir a profissão que tinham. Esses momentos trazem nostalgia ao meu coração, porque em cada segundo da minha vida de adulto voltaria a eles. O jovem ainda existe em mim e acho que durante toda a vida essa parte de mim permanecerá viva. A minha avó dizia-me sempre para nunca me esquecer de ser criança. Um dia, lembrar-me-ia das palavras dela, dizia ela, porque a infância era única, reafirmava.

Talvez porque os visse educando-me com todo o coração me sentisse tão fascinado, para eles as crianças eram almas puras que mereciam ser ajudadas a tornarem-se pessoas dignas de respeito.

Recordo a resposta do meu avô quando ouvia o som da campainha que anunciava o começo das aulas já depois de se ter reformado: Não consigo viver a minha vida sem estar cercado de crianças e sem fazer o que sempre gostei.

O tempo é o maior inimigo do homem, a vida é curta e cada período deve ser apreciado no momento certo. Devemos prestar mais atenção a essas coisas porque são únicas e nunca podem ser substituídas. Na maioria das vezes, as pessoas preferem esperar por algo melhor e mais interessante e esquecem-se de aproveitar o que está a acontecer no presente. Eu acredito que as pessoas das nossas vidas não estarão para sempre, por isso temos que apreciar cada momento com elas.

NOTA DA ORGANIZADORA

AS CRÓNICAS QUE SE ENCONTRAM COMPILADAS NESTA PUBLICAÇÃO FORAM ESCRITAS POR ESTUDANTES DE 3.º ANO DURANTE A FREQUÊNCIA DA DISCIPLINA ‘CRÓNICA LITERÁRIA: COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ESCRITAS’, LECIONADA PELA LEITORA CAMÕES BUCARESTE, PROF.^a DOUTORA SÓNIA DIAS MENDES, NO ANO LETIVO 2019/2020, NO ÂMBITO DA LICENCIATURA EM ESTUDOS PORTUGUESES NA FACULDADE DE LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS DA UNIVERSIDADE DE BUCARESTE (ROMÉLIA).

OS TEXTOS CONSTANTES NESTA COLETÂNEA INTITULADOS *078902630RH+*, *A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE*, *COR LOCAL*, *DALILA* E *VOCÊ* FORAM ESCRITOS A PARTIR DE TÍTULOS DE CRÓNICAS DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES:

“078902630RH+” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2005). *TERCEIRO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“A MORTE DE UM SONHO NÃO É MENOS TRISTE QUE A MORTE” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2005). *TERCEIRO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“COR LOCAL” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2005). *TERCEIRO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“DALILA” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2005). *TERCEIRO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

“VOCÊ” IN ANTUNES, ANTÓNIO LOBO (2005). *TERCEIRO LIVRO DE CRÓNICAS*. LISBOA: PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

SÓNIA DIAS MENDES
Professora Universitária



ORGANIZAÇÃO
SÓNIA DIAS MENDES

PREFÁCIO
CORINA NUȚU

AUTORIA
ADA CARAMIHAI
ALEJANDRA BOLDU
ANDRADA MARCU
ANDREEA ION
ANDREEA MARCU
ANDREEA VIȘOIU
ANNA BĂCEANU
DAIANA ANTĂLUCĂ
DIANA GRESOIU
GABRIELA VLĂȘCEANU
IOANA TOMA
LORENA DORCU
MARTA IGNAT
MEDEEA DAMIAN
MIHAI BABA
OANA SÎRBU
SILVIA NICOLA

com o apoio

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS